TÍTULO: KINIKINAU - Renascendo das Cinzas

João Evaldo Ghizoni Dieterich[1]; Sandra Cristina de Souza[2].

[1]Acadêmico do Curso de Licenciatura em Geografia da UEMS, Unidade Universitária de Jardim; E-mail: joao.valdo@hotmail.com. Aluno Bolsista

[2]Professor(a) do curso de Licenciatura em Geografia da UEMS, Unidade Universitária de Jardim; E-mail: sandracristina@uems.br

Etnologia Indígena

Resumo

Foi realizado o levantamento de dados sobre os índios Kinikinau, que moram na aldeia São João na Serra de Bodoquena, próximo á cidade de Bonito, MS, na região Centro Oeste do Brasil. Sendo dissolvidos entre os Terena passaram a ser considerados extintos pelos órgãos federais como a FUNAI (Fundação Nacional do Índio); porém, segundo Souza (2008, p. 14) em meados da década de 90 estes decidiram entrar em contato com os órgãos competentes para que ocorresse o reconhecimento de sua identidade como Índios Kinikinau, e a partir de 2003 passaram a ser noticiados na imprensa virtual.

Palavras-chave: Etnocídio, Tribo, Expulsão, Identidade.

Introdução

Os Kinikinau são um subgrupo da nação Guaná residentes na aldeia São João localizada próxima a cidade de Bonito, dentro de uma área de terras pertencentes aos Kadiwéu. Estes compreendem uma população estimada de 250 indivíduos. Os moradores são descendentes dos primeiros Kinikinau que migraram do Chaco paraguaio para o Brasil e ali se instalaram após a guerra do Paraguai. Durante um longo período (entre 1946 e meados dos anos 90) foram declarados como extintos pelos órgãos competentes. Porém, estes vieram a reivindicar sua identidade Kinikinau. Infelizmente, grande parte de seus costumes e ritos foram esquecidos durante o processo que é conhecido/chamado etnocídio, onde esses costumes foram substituídos pelo costumes dos grupos dominantes que se utilizaram da força ou da necessidade de sobrevivência que as populações nativas possuíam. No caso Kinikinau, os seus costumes foram esquecidos devido a convivência com os "brancos" e com outros povos indígenas, como: kadiwéu, Terena e Guarani. Atualmente, a população sobrevive do trabalho em fazendas aos arredores da aldeia. Percebido este cenário, optamos em realizar este trabalho com o objetivo de levantar dados sobre os índios Kinikinau, no Estado de Mato Grosso do Sul principalmente na aldeia São João, próxima ao município de Bonito. Sendo esta, o último refúgio para esta população tão reduzida que durante cerca de 50 anos foi considerada extinta. Devido á escassez de trabalhos sobre essa etnia antes considerada extinta e que atualmente está requerendo status de etnia em estágio de reorganização sócio-cultural. O presente trabalho tem como proposta, que os dados coletados possam contribuir para a implementação de políticas públicas que visem a revitalização de aspectos culturais que constituem a cosmovisão do povo Kinikinau.

Material e Métodos

A pesquisa será realizada utilizando três tipos de fontes: A primeira fonte será o estudo de trabalhos de viajantes que estiveram na região do Chaco paraguaio durante o século XVIII e XIX, para a realização de estudos sobre o novo território dominado primeiro pela Espanha e depois por Portugal; A segunda fonte serão os documentos oficiais do século XVIII, XIX e XX, que registram a migração dos Kinikinau para a região de Albuquerque e seu estabelecimento nesta localidade; A terceira fonte será realizada através de entrevistas e

Cidade Universitária de Dourados - CP 351 - CEP 79.804-970 - DOURADOS - MS
Tel. (67) 3902-2538 Home Page http://www.uems.br/propp

observação participante que será realizada na aldeia de São João buscando compreender a cosmovisão deste povo e sua perspectiva sobre as suas condições de sobrevivência. Após o fechamento do corpus documental, será realizada a análise dos dados coletados para a redação do texto final. A análise será realizada com base nos referenciais teóricos da Etnologia Indígena desenvolvidos por antropólogos como Carmem Junqueira, Claude Levi-Strauss, George Balandier entre outros. Para analisar a trajetória do povo Kinikinau em seus vários momentos desde a chegada ao Brasil, o processo de esbulho das terras por eles habitadas, o momento de suposta extinção e seu ressurgimento enquanto etnia. Para tal, utilizaremos os conceitos de Máquina de Guerra de Giles Deleuze, o qual permite a compreensão da relação entre o povo Kinikinau e o Estado, representado de acordo com o momento histórico, pelo Estado Colonizador espanhol, português ou brasileiro, na medida em que propõe noções de organização interna aos dominados, caso dos Kinikinau, como forma de resistência. Acreditamos que a manutenção de uma língua diferenciada, mesmo com aspectos semelhantes a dos Terena, seja uma das formas utilizadas por este povo para a sobrevivência.

Resultados e Discussão

Residentes em uma aldeia na localidade de Agaxi, região que compreende uma área entre os municípios de Miranda e Aquidauana, que segundo Silva (2001 p. 17), Souza (Ibid p. 15), Ladeira (2001 p. 33) e Azanha (2006 p. 76) relatam que estes habitavam entre os séculos XVIII e XIX, áreas entre Albuquerque e Miranda, principalmente em uma localidade chamada de "Mato Grande" compreendendo uma população entre 600 e 2000 habitantes. Hoje um ponto referencial da área Kinikinau é a Fazenda Paraíso que fica próximo a entrada da aldeia Bananal ao lado direito da BR-262[1]. Os Kinikinau, durante a Guerra do Paraguai decidiram e lutaram pelo lado brasileiro. Durante este período foram obrigados a abandonarem suas terras e procurarem refúgios para se protegerem dos ataques paraguaios subiram a serra de Maracajú, como pontua o professor de origem Kinikinau Genilson Roberto Flores[2]. Pouco contingente populacional sobrou desta etnia após o término da guerra, e estes

[1] FLORES, Genilson Roberto. A história e trajetória do povo Kinikinau. Xeti koinukunoen yoko yonoku. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso Normal Médio Indígena povos do pantanal. 2010

[2] Idem p. 5

Cidade Universitária de Dourados - CP 351 - CEP 79.804-970 - DOURADOS - MS
Tel. (67) 3902-2538 Home Page http://www.uems.br/propp

em decorrência da expulsão causada pelos fazendeiros foram obrigados a fugir e se tornaram mendigos, trabalhadores de fazendas vizinhas, em regime de semi-escravidão para garantirem a sua sobrevivência. Passado o confronto e declarado o fim da guerra, os Kinikinau voltaram a sua terra de origem. Porém, no ano de 1850 com a nova lei de terras, foram expulsos novamente de suas terras, pois chegaram invasores que queriam habitar estas, segundo esta lei, só poderia usufruir de terras quem possuísse o poder de compra. Alguns Kinikinau foram morar em aldeias vizinhas pertencentes aos Terenas, orientados pelo coronel Nicolau Horta Barbosa chefe do SPI (serviço de proteção ao índio), a se estabelecerem em uma terra devoluta conhecida como Corvelo[3], que ficava no município de Porto Murtinho. Após mais uma expulsão e abandonados a própria sorte, o grupo Kinikinau fez contato com alguns kadiwéu tomados de um sentimento de solidariedade estes foram convidados para morar nas divisas das terras kadiwéu, para ajudar na proteção contra a invasão dos "homens brancos", sendo assim, seria papel dos Kinikinau apenas a proteção destas divisas, recebendo o direito do cacique Martinho da Silva Kadiwéu de plantarem só o necessário ao seu sustento, não sendo permitido a produção para a realização de algum tipo de comércio por parte do povo Kinikinau, esses fatos são confirmados por Souza e Silva (2003 p. 153), estes também chamam a atenção para o fato de durante muitos anos os Kinikinau manterem-se ocultos, vivendo juntos aos Terena, "eram obrigados pelos chefes de posto a se registrarem como Terena", o que acabou por levar os órgãos governamentais a declarar estes como extintos. Souza e Silva reconhecem que a etnia está se organizando para poder passar a seus filhos a sua identidade. De acordo com os relatos de 13 de junho de 1940[4], cinco famílias Kinikinau foram de mudança para a terra cedida, porém para Souza e Silva (Ibid p. 151) e a Enciclopédia "Povos indígenas do Brasil" do Instituto Socioambiental[5], as famílias se resumiam a duas e tempos depois, outras famílias sabendo desta terra mudaram-se para lá formando a aldeia São João, cujo a população residente nesta é de aproximadamente 500 pessoas, entre Kinikinau, Terena e não índios. Segundo o site socioambiental em levantamento realizado no ano de 2005 os Kinikinau eram cerca de 250 indivíduos. De acordo

[3] Idem p. 8

[4] Idem p. 9

[5] http://pib.socioambiental.org/pt/povo/kinikinau

Cidade Universitária de Dourados - CP 351 - CEP 79.804-970 - DOURADOS - MS
Tel. (67) 3902-2538 Home Page http://www.uems.br/propp

com as entrevistas realizadas[6], há algum tempo os novos lideres do povo Kadiwéu estão descontentes com a localização da aldeia São João em suas terras e exigem que estes saiam. O que está provocando uma nova dispersão deste em aldeias do povo Terena, nas fazendas e nas cidades. Percebemos durante as entrevistas a intenção deste povo em cumprir o que o artigo 231 da Constituição Federal garante "são reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens", pois além da demarcação de suas terras estão buscando a manutenção e a continuidade de sua cultura, bem como, de sua língua que são únicas e que se encontram de forma bem reduzida, porém, estão sendo transmitidas as novas gerações. Desta forma, demonstram que estão no sentido inverso da globalização, voltando as origens e costumes de seu antepassados.

Conclusões

Durante a realização do trabalho conseguimos fazer o levantamento e a reunião de diferentes dados, importantes para compreensão de todo o histórico de expulsão que os Kinikinau sofreram até a atualidade e compreendemos um novo processo de expulsão que podemos considerar como "moderno" que é a constante ameaça de expulsão por parte dos Kadiwéu de suas terras. Durante a realização das entrevistas percebemos o quanto é forte o desejo desta população em retomar a sua cultura e tradições, como: danças, músicas, festas, etc., e reaverem suas terras tradicionais, para que suas futuras gerações possam usufruir o direito que antes lhes foram negado.

Agradecimentos

Agradeço a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, por ter me concedido esta bolsa que foi de suma importância para minha formação acadêmica e cidadã e a minha

[6] Entrevista realizada de forma coletiva no dia 14 de dezembro de 2010, na Aldeia Mãe – Terra Posto Indígena Cachoerinha, Miranda, MS, com Roberto gonçalves de 22 anos, Mario Silva de 76 anos e Catarina Ferreira de 77 anos de idade. (Os nomes utilizados são fictícios).

Cidade Universitária de Dourados - CP 351 - CEP 79.804-970 - DOURADOS - MS
Tel. (67) 3902-2538 Home Page http://www.uems.br/propp

orientadora professora Drª Sandra Cristina de Souza, por toda paciência e competência com que me orientou.

Referências

Artigos

AZANHA, G. As terras indígenas Terena no Mato Grosso do Sul. Revista de Estudos e Pesquisas, FUNAI, Brasília, v.2, n.1, p.61-111, 2006.

SILVA. G. J. da ; SOUZA. J. L. de. O despertar da Fênix: a educação escolar como espaço de afirmação da identidade étnica Kinikinau em Mato Grosso do Sul. Sociedade e Cultura. V. 6, n. 2, p. 199-208. 2003.

Teses e Dissertações

FLORES, G. R. A história e trajetória do povo kinikinau. Xeti koinukunoen yoko yonoku. 2010. 15 f. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso Normal Médio Indígena povos do pantanal. 2010.

SILVA, V. C. Missão, aldeamento e cidade: os Guaná entre os Albuquerque e Cuiabá (1819 - 1901). 2001. 162 f. Dissertação (Pós Graduação) - Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá. 2001.

SOUZA, I. Koenukunoe Emo'u – A língua dos índios Kinikinau. 2008. 196 f. Tese (doutorado) Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2008.

LADEIRA, M. E. M. Língua E História: análise sociolingüítica em um grupo Terena. 2001. 166 f. Tese (doutorado) - Departamento de Semiótica e Linguístaca Geral, Universidade de São Paulo. São Paulo. 2001.

Sites de Internet

Povo Indígenas no Brasil. Disponível em: http://pib.socioambiental.org/pt/povo/kinikinau. Acesso em 08 de maio 2011.